

GOMES, Ana Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para Conhecer Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018. 208p. Resenha.

Roberlei Alves BERTUCCI¹

Para Conhecer Semântica, de Ana Quadros Gomes e Luciana Sanchez Mendes, enfoca tópicos de abordagem formal da semântica e, por isso, serve como introdução aos estudantes dos cursos de Letras/Linguística (graduação e pós) e profissionais em formação continuada.

Ana Quadros Gomes e Luciana Sanchez Mendes possuem experiência nacional e internacional na pesquisa e no ensino de tópicos semânticos. Tanto aqui como no exterior foram orientadas e supervisionadas por nomes de referência na área de ciências linguísticas, em especial a Semântica. Tal percurso, que lhes rendeu uma capacidade técnica ímpar, também as levou a uma obra de excelentes qualidades teórica e didática, com discussões sobre tópicos atuais do português brasileiro (doravante PB).

Como as próprias autoras sugerem, o livro pode ser dividido em três grandes blocos principais, antecipados por um capítulo de introdução a questões gerais relativas ao estudo da Semântica Formal: o estudo i) do sintagma nominal; ii) do sintagma verbal; e iii) da modificação. Em todos eles, além de um recorte teórico coerente, são apresentadas atividades e leituras complementares, essenciais em livros de caráter introdutório, como é o caso desta coleção (*Para Conhecer*) da Contexto.

Essa divisão inicial, aliás, é um diferencial desta obra de Semântica, com relação a duas bastante conhecidas: **Semântica Formal: uma breve introdução**, de Roberta Pires de Oliveira e **Manual de Semântica**, de Márcia Cançado. Em ambas, há uma amplitude de temas gerais de abordagem semântica, mas com menores discussões sobre temas como sintagma verbal, nominais nus e modificação em PB. Por isso, deve-se ressaltar o fato de Quadros e Mendes terem feito inúmeras leituras de trabalhos recentes, a fim de compor a obra que aqui se apresenta, em especial, nos capítulos relativos ao nome, ao verbo e suas modificações.

¹ Bertucci. UTFPR. E-mail: bertucci@utfpr.edu.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4014-5610>

- | Para Conhecer Semântica

Nesse sentido, o primeiro capítulo (O estudo do significado no nível da sentença) é o único que não apresenta muitas novidades com relação aos manuais precedentes, enfocando tópicos como “sentido e referência” ou “pressuposição e acarretamento”. Apesar disso, pode-se destacar o modo sensível de abordagem de temas como “anomalia” a partir de um poema de Manoel de Barros. Eis um trecho:

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. [...]
(GOMES; MENDES, 2018, p. 20)

Todo falante identifica sentenças “estranhas”, sem significado aparente (anômalas) ou mesmo impossíveis (agramaticais). Apesar disso, reconhece-se que há uma exploração estética em alguns casos, como na poesia de Manoel de Barros.

Outro exemplo interessante relativo ao modo como se explicou temas mais espinhosos, diz respeito à associação entre as relações de escopo na língua e as operações matemáticas. Sem dúvida, fica muito mais claro para que se entenda como operadores linguísticos funcionam em contextos de co-ocorrência. Gomes e Mendes (2018, p. 23) mostram que uma sentença como

(01) Maria não vai à academia duas vezes por semana.

é ambígua devido às possibilidades de escopo dos operadores *não* (operador de negação) e *duas vezes* (operador de frequência). Assim, a sentença tem a leitura de que Maria não vai à academia em dois dias específicos da semana (sábado e domingo, por exemplo) ou de que ela frequenta apenas uma vez ou mais de duas vezes (mas não duas). Para as autoras, há uma similaridade com o escopo de operadores matemáticos. O uso dos parênteses indicaria o escopo de cada um e daria um resultado distinto (GOMES; MENDES, 2018, p. 24).

$$2 \times 3 + 1 = ? \quad 2 \times (3 + 1) = 8 \quad \text{ou} \quad (2 \times 3) + 1 = 7$$

Um dos pontos que poderiam ser revistos neste primeiro capítulo fica por conta da não divisão dos tipos de ambiguidade, apresentados de forma sequencial, sem subseções, diferentemente do que se vê em manuais anteriores como o de Cançado (2012). Especialmente para os estudantes iniciantes, essa subdivisão é importante para o entendimento da fonte disparadora do fenômeno e, mais do que isso, poderia ser um modo de entenderem como os níveis de análise linguística se articulam na língua.

Outro ponto que merece cuidado é com relação ao excesso de exemplos explicados para o tratamento de fenômenos como a “pressuposição”. Nesse sentido, tem-

se a impressão de que seria mais proveitoso se as autoras provocassem o leitor para a resolução de algumas propostas, como a verificação dos gatilhos de pressuposição. Por exemplo, ao apresentar a sentença *Brad Pitt parou de beber após a separação de Angelina Jolie*, seria uma boa estratégia questionar se Brad Pitt bebia ou não antes da separação e qual gatilho linguístico levava a essa leitura. No entanto, as autoras explicam todos os pontos deste e dos outros vários exemplos.

Ainda assim, o capítulo cumpre bem o objetivo de apresentar os principais itens da abordagem da Semântica Formal.

Mas, de fato, os capítulos que promovem a grande contribuição da obra são os seguintes. O primeiro deles, intitulado “O sintagma nominal”, aborda fenômenos importantes para a análise do significado nas línguas naturais. Entre eles podemos destacar os nominais nus e da semântica do plural. Logo no primeiro exemplo do capítulo, as autoras já mostram como o estudo do paradigma nominal é interessante (GOMES; MENDES, 2018, p. 58, ex. 1).

- (02) a. *Totó* me mordeu.
 b. *Um cachorro* me mordeu.
 c. **Cachorro* me mordeu.

No exemplo, já se percebe que, embora ocupem a posição de sujeito, os nominais têm um funcionamento distinto, conforme sua composição. Se de (2a) podemos inferir (2b) – num mundo em que Totó é um cachorro, claro –, a sentença em (2c), com o nominal nu é agramatical em nossa língua. Na verdade, como bem mostram as autoras, a posição argumental de sujeito só licencia as leituras genéricas com nominais nus, mas não episódicas, como é o caso em (2c). Por outro lado, na posição argumental de objeto, esse tipo de sintagma ocorre perfeitamente em leituras episódicas:

- (3) a. Eu comprei abacaxi na feira. (GOMES; MENDES, 2018, p. 62, ex. 10).
 b. Eu comprei abacaxis na feira.

Aqui, a diferença é tratada pelas autoras como caso de número: enquanto (3b) dispara uma leitura de que a compra se refere a mais de uma unidade de abacaxi, a sentença em (3a) pode ser aplicada para situações em que um ou mais abacaxis foram comprados. Na verdade, como elas sustentam, a leitura de (3a) também é adequada para os casos em que se comprou um pedaço da fruta, ou seja, menos de um inteiro.

As autoras se valem de excelentes referências teóricas para análise do sintagma nominal, como os consagrados estudos de Carlson (1977) e Chierchia (1998). Apesar disso, como a obra sustenta seu anseio de ser uma fonte de motivação para os estudos do

- | Para Conhecer Semântica

PB, uma apresentação do trabalho de Müller (2003) – que aparece como leitura adicional, é verdade! – seria um modo de levar o leitor a reconhecer a carência da discussão do fenômeno.

Já o capítulo “O sintagma verbal” traz um rico material para todos aqueles que desejam um trabalho mais sistematizado com o tema. Os pontos mais fortes do capítulo sem dúvida ficam por conta da abordagem sobre as questões de tempo, aspecto e modalidade/modo. A apresentação dos momentos de fala (MF), de referência (MR) e de evento (ME), como partes fundamentais para a interpretação das questões temporais é bastante clara e bem aplicada nos exemplos. Ali, as autoras sustentam que a simultaneidade entre ME e MF seria a expressão do presente (4); a anterioridade de ME em relação a MF, do passado (5); e a sucessão de ME em relação a MF, do futuro (6).

- (4) Pedro está estacionando o carro.
- (5) O Brasil participou da Segunda Grande Guerra.
- (6) João vai trabalhar amanhã.
(GOMES; MENDES, 2018, p. 119, ex. 22, 23, 24)

Sobre o tema, vale lamentar a ausência de uma discussão um pouco maior sobre o papel das perífrases/verbos auxiliares. Embora tenham apontado que mesmo o presente simples pode ter noção de futuro, como em *Pedro viaja amanhã* (exemplo 21a, da página 117), nada foi dito sobre uma possível diferença de significado entre a estrutura sintética (com morfologia) de futuro e a perifrástica (com verbos auxiliares), em casos como os seguintes:

- (7) a. Pedro **viaja** amanhã.
b. Pedro **viajará** amanhã.
c. Pedro **vai viajar** amanhã.
d. Pedro **irá viajar** amanhã.

O leitor que começa a navegar pelo mundo da significação, certamente, fica intrigado ao se deparar com casos como esses acima. Apesar disso, é preciso reconhecer que a ausência dessa discussão não diminui a qualidade da abordagem.

A diferenciação entre as noções de “tempo” e de “aspecto” é outro ponto que precisa ser destacado no livro: a obra permite que os leitores compreendam claramente que as noções de simultaneidade, anterioridade e posterioridade sejam apenas uma parte da teoria sobre temporalidade. Para o tratamento do “aspecto”, diferenciar “perfectividade” de “imperfectividade” é essencial, conforme se vê na literatura. Casos como (8), apresentados por Gomes e Mendes (2018, p. 124, ex. 31) atestam essa relevância.

- (8) a. Às 5h30, Maria **atravessou** a rua Aprazível.
 b. Às 5h30, Maria **estava atravessando** a rua Aprazível.

Enquanto em (8a) se aponta para o momento de término do evento de atravessar, o que acarreta sentenças como *Maria atravessou a rua Aprazível*, de (8b) não se pode tirar a mesma conclusão, porque o foco está no processo de atravessar (não em seu término).

Nesse sentido, deve-se comemorar também o fato de a obra apresentar o aspecto lexical (*Aktionsarten*) de modo bastante claro e instigante. Além de discutir os traços de eventualidades gerais, a partir de propriedades como “duração” e “telicidade”, há um espaço dedicado também para os casos de predicados estativos que podem ou não ocorrer no progressivo, em especial no PB, como em (9), o que revela que a classificação geral das classes aspectuais, atribuídas a Vendler (1957), pode ser muito mais refinada para o tratamento das línguas naturais.

- (9) a. Pedro **está amando** Linguística. (GOMES; MENDES, 2018, p. 133, ex. 42)
 b. *O Rio de Janeiro **está se localizando** no Brasil.

Gomes e Mendes (2018) apresentam a proposta de Basso e Ilari (2004), para quem a diferença entre predicados como *amar*, que aparecem no progressivo (9a) e outros como *localizar-se* (9b), está no fato de o primeiro fazer parte do subgrupo de estativos com traço de mudança e os outros não. De fato, há um caráter de transitoriedade nesses predicados, o que favorece a ocorrência com o progressivo. No entanto, esse fenômeno está longe de ter uma resposta definitiva (como tantos outros ligados a tempo e aspecto em PB), de modo que a apresentação do caso pelas autoras serve de motivação para novos pesquisadores.

Também bastante feliz é o tratamento sobre o modo/modalidade no livro. Além de apresentarem tópicos gerais do assunto, abordam casos bastante abertos à pesquisa em PB, como o da alternância entre subjuntivo (10) e indicativo (11).

- (10) É uma pena que a Maria *esteja* desempregada. (GOMES; MENDES, p. 147, ex. 60, 61)
 (11) É uma pena que a Maria *está* desempregada.

A questão aqui é que predicados como “ser uma pena” deveriam requerer o subjuntivo, com ocorre com *esteja* (10), mas em PB essa exigência não se cumpre, porque é possível termos indicativo, como *está*, em (11). Este é outro fenômeno que precisa de mais pesquisas em PB, como, aliás, todas as questões relativas a tempo, aspecto e modo/modalidade. Nesse sentido, o livro contribui para que os leitores olhem para a sua língua como um objeto de estudo muito interessante.

- | Para Conhecer Semântica

Questionam-se, no entanto, dois aspectos da obra, no capítulo em questão: a abordagem dos papéis temáticos e algumas atividades. No primeiro caso, dado o escopo do livro e sua relação mais direta com a Semântica Formal, o tema pareceu pouco aprofundado e poderia ser excluído da proposta. Novamente, deve-se invocar o trabalho de Cañado (2012), que traça um panorama muito interessante dessa abordagem. No último, há uma considerável diferença entre algumas atividades, apresentadas no final do capítulo: enquanto a primeira (página 149) pede uma reflexão por parte dos leitores com relação aos modais, a segunda atividade, na página seguinte, exige apenas uma identificação lexical das classes aspectuais no texto apresentado, sem ao menos requerer dos estudantes que justifiquem a escolha por meio das características do predicado. Assim, fica a sugestão aos docentes que utilizarão a obra para ampliar a discussão, propondo aos estudantes que apresentem justificativas para a classificação.

Por fim, o capítulo de modificação é aquele no qual as autoras mostram que a experiência de pesquisa que realizaram ao longo dos anos nesta temática foi excepcional.

É importante destacar que as autoras apresentam a possibilidade de a modificação adjetival ocorrer de forma predicativa (*O coelho é **branco***) ou de forma atributiva (*O coelho **branco** fugiu*). No primeiro caso, ser branco é uma das propriedades (predicados) do coelho, sendo que o referido coelho deve estar na intersecção entre os conjuntos dos coelhos e das coisas brancas no mundo; no segundo, a propriedade ser branco modifica o coelho, de modo a especificá-lo (“restringir o domínio”, como tecnicamente dizem as autoras). Mas, acima de tudo, são os dados de agramaticalidade que chamam a atenção do leitor. Comparemos os exemplos (12) e (13), apresentados por Gomes e Mendes (2018, p. 160-161, ex. 8 e 9).

- (12) a. Vamos levar a mesa redonda para o quintal.
b. A mesa é redonda.

- (13) a. O futuro marido da atriz é ciumento.
b. *O marido da atriz é ciumento.
c. *Seu marido futuro é ciumento.

Para as autoras, a intersecção que adjetivos como *redondo* estabelecem com o nome leva à possibilidade de aparecerem tanto na posição atributiva (12a), quanto na predicativa (12b). E isso, sabemos, valeria para casos como *preta*, *barata*, *quebrada*, entre outros. Por outro lado, alguns adjetivos, como *futuro*, *suposto*, *mero* etc., parecem não assumir a função de intersecção e, por isso, não ocupam a posição predicativa (13b), ou a tradicional (chamada “canônica”), posterior ao nome (13c).

Para as autoras, a explicação para esse comportamento diferente reside no fato de que esse último grupo de adjetivos tem carga “intensional”, relacionado a questões temporais ou modais. Sem dúvida, um dos aspectos mais interessantes a serem estudados em PB, sobretudo porque algumas palavras que recebem função de modificadores podem se comportar como uma ou outra classe. Veja-se por exemplo, o caso de *puta* (14) e *monstro* (15).

- (14) a. Estou com uma puta fome.
b. *Estou com uma fome puta.
- (15) a. *Estou com uma monstro fome.
b. Estou com uma fome monstro.

Particularmente, parece difícil estabelecer grandes diferenças de sentido entre as frases (14) e (15). Por outro lado, a especificidade da posição que cada um desses, digamos, “modificadores não canônicos”, é indiscutível: os falantes do PB sabem que a posição adequada de cada um é essa dada acima. O que surpreende é que ambos parecem não intersectivos. Como se percebe, essa questão merece muito estudo na língua.

Outro ponto ainda sobre os adjetivos é a teoria de escalas utilizada para explicar suas diferenças. Adjetivos de escala aberta (*baixo, alto, novo, velho*, por exemplo) são aqueles cuja propriedade pode variar de uma a outra ponta da escala, sem que esta tenha um ponto final. Assim, um carro novo, por exemplo, pode ser tanto um carro 0km, quanto um que tem uma baixa quilometragem se comparada ao tempo de uso. Por outro lado, alguns adjetivos estão associados a escalas fechadas (*limpo, sujo, aberto, fechado*, por exemplo), de modo que a negação de uma das propriedades necessariamente leva ao oposto. Assim, um copo não limpo está necessariamente sujo (ainda que que o grau de limpeza e sujeira possa ser relativo ao enunciador, a escala, em si, é fechada). Uma porta fechada está necessariamente não aberta.

O comportamento escalar dos adjetivos, bastante discutido e difundido a partir de Kennedy e McNally (2005), tem gerado discussões sobre a universalidade dessas propriedades, inclusive com a postulação de que a gradabilidade seria uma categoria primitiva. Veja-se, portanto, que é uma discussão nova e fundamental na área, e o fato de as autoras apresentarem o tema reforça o caráter científico de seu trabalho.

No mesmo capítulo, deve-se destacar o modo como as autoras abordam a modificação por advérbios, inclusive com uma subdivisão bastante apropriada. Sem dúvida, ao se diferenciar o comportamento de advérbios como *rápido, muito e felizmente*, entre outros, indica-se a complexidade do tópico, que não pode ser relegado a uma mera classificação morfossintática nas aulas dos cursos de Letras ou de Língua Portuguesa.

- | Para Conhecer Semântica

Ressalta-se que, além de discutir questões relativas às modificações nominal e verbal, o modo como as autoras fazem a apresentação do tema e sua subdivisão em seções é irretocável. O leitor que aprecia este capítulo certamente fica não só interessado nas questões relativas à modificação no PB, como pode se interessar também em realizar pesquisas na área, um desejo revelado pelas autoras em suas considerações finais.

Finalmente, as autoras cumprem a promessa inicial de que a obra seria uma introdução para os estudos do significado em língua portuguesa. É um livro introdutório, com uma abordagem clara (Semântica Formal) e com recortes específicos de análise (sintagma verbal, sintagma nominal e modificação), conforme os objetivos das autoras. Também cumpre a pretensão de “estimular a curiosidade e o pensamento científicos por meio da prática do exame de fenômenos linguísticos/gramaticais pelo método científico” (GOMES; MENDES, 2018, p. 9), pela forma rigorosa de análise dos fenômenos apresentados.

Por tudo o que foi apresentado, o livro é sem dúvida uma grande contribuição para os estudos em semântica no PB, recomendado para pesquisadores iniciantes e iniciados, ou seja, para todos que buscam um modo científico de encarar os estudos da língua materna. Particularmente, a expectativa de Gomes e Mendes (2018, p. 194) de “ter contaminado o leitor com o amor pela pesquisa semântica”, uma área ainda incipiente no Brasil”, se confirma ao final da leitura do livro.

Como nos inspira Ana Müller (2009, p. 114), “o estudo da nossa língua faz parte de um desejo maior do ser humano de compreender melhor o mundo e a si mesmo.”. Sem dúvida, o “caráter científico da empreitada” assumida pelas autoras coloca a língua e a pesquisa linguística como um ponto fundamental para o conhecimento da nossa espécie.

Referências

BASSO, R. M.; ILARI, R. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 4, p. 15-26, 2004.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARLSON, G. A Unified Analysis of the English Bare Plural. **Linguistic and Philosophy**, v. 1, n. 3, p. 413-457, 1977.

CHIERCHIA, G. Reference to Kinds Across Languages. **Natural Language Semantics**, v. 6, p. 339-405, 1998.

KENNEDY, C.; MCNALLY, L. Scale Structure and the Semantic Typology of Gradable Predicates. **Language**, v. 81, n. 2, p. 1-44, 2005.

MÜLLER, A. A semântica do sintagma nominal. *In*: MÜLLER, A.; NEGRÃO, E.; FOLTRAN, M. J. (org.). **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 61-73.

MÜLLER, A. A investigação da língua portuguesa: o amor à pesquisa. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 22, p. 139-149, 2009.

OLIVEIRA, R. P. de. **Semântica formal**: uma breve introdução. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

COMO CITAR ESTA RESENHA: GOMES, Ana Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. Para Conhecer Semântica. São Paulo: Contexto, 2018. Resenha feita por Roberlei Alves Bertucci. **Revista do GEL**, v. 17, n. 1, p. 353-361, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i1.2267>

Submetido em: 25/09/2018 | Aceito em: 01/06/2020.
